

O ESTUDO COMO FORMA DE PESQUISA

João Baptista de Almeida Júnior

Para esta atividade:

- 1) Ler individualmente e responder às questões propostas;
- 2) Discutir e analisar com os colegas do grupo, as possíveis respostas;
- 3) Selecionar os pontos relevantes e compor um documento único do grupo;
- 4) O líder de cada grupo deverá apresentar o resultado da discussão no fórum.

Questões:

1. Estabeleça relações entre os atos de pesquisar e aprender.
2. Discorra sobre o papel do aluno na nova perspectiva educacional.
3. Além dos métodos citados no texto, que outras estratégias você utilizaria no processo de construção do seu próprio conhecimento?

De alguns anos para cá, com o aprimoramento dos veículos de comunicação à distância, as escolas deixaram de ser o meio mais informativo de leitura da realidade. Jornais, revistas, rádio e televisão circulam e substituem informações, rapidamente, mais do que o professor ou qualquer livro didático.

Antigamente, a descoberta de uma epidemia desconhecida ou o registro de uma galáxia distante era privilégio de um grupo de cientistas ligados a laboratórios de uma universidade. Hoje tais fatos freqüentam as páginas dos periódicos e os monitores de vídeo com ampla descoberta dos fatores científicos, econômicos e sociais envolvidos na pesquisa, acompanhados de ilustrações e dados precisos com os quais dificilmente o livro didático conseguiria concorrer com a mesma contemporaneidade.

Por causa da célebre geração de substituição de informações, a educação sistemática, feita nas alas de aula, vem sofrendo uma revolução de natureza metodológica, com reflexos na prática didática, pedagógica, que tem levado alguns críticos a admitir o colapso do sistema educacional vigente e a vaticinar um “choque” no futuro. Uma vez essa revolução se processa de maneira menos traumática, em saltos qualitativos, a partir de formas de integração: diálogo professor-aluno, dinâmica de grupo, trabalho cooperativo, interdisciplinaridade, ação extensionista escola-comunidade... Outras vezes a revolução se desenvolve criticamente: rompendo tradições, substituindo valores, extinguindo mesmo funções, desmoronando fronteiras... Tais formas simultâneas de evolução traduzem e exigem novos papéis do professor e do aluno no âmbito de que se denomina espaço de ensino-aprendizagem.

O professor informante e o aluno-receptor são superados pelo professor-orientador e pelo aluno-pesquisador. O pedagogo humanista Paulo freire lembra que: “O papel do educador não é o de ‘encher’ o educando de ‘conhecimento’, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos”.

Não se trata, contudo, de rótulos modernos para situações antigas. Muitas vezes uma nova linguagem, contrária àquela que fala a realidade presente, é necessária para manifestar e proceder a uma realidade esperada e desejada. Novas palavras emergem para representar, e não mais rerepresentar, as situações que permitem projetar, lançar a idéia, inclusive semanticamente, de uma nova dinâmica educacional.

Dessa maneira a nova dinâmica educacional não se resume na substituição de palavras e slogans. É um processo resultante de pressões gerais desencadeadas pelos meios de comunicação de massa, pelo acúmulo de informações, pelo aumento da demanda escolar, pela “formocidade” de especialização profissional. Mas, sobretudo, é resultado da disposição histórica das recentes gerações em querer participar conscientemente da construção da realidade social.

Portanto, não se concebe mais a educação como uma simples troca de informações do professor prepositivo para e sobre o aluno, com risco de o professor querer competir, em desvantagem, com os veículos de comunicação modernos. A nova situação precisa de fundamentos metodológicos que permitam atualizar o que o filósofo contemporâneo Martin Heidegger denomina “deixar aprender”. “O mestre que ensina ultrapassa os alunos que aprendem somente nisto: que ele deve aprender ainda muito mais do que eles porque deve aprender a deixar aprender”.

Não se trata mais de perguntar o que o professor pretende do aluno. Nem o que o aluno pretende mostrar ao professor. Mas o que professor e alunos, engajados na descoberta e elaboração do conhecimento, pretendem desse conhecimento no mundo a fim de justificar a transformação desse mundo.

A nova ação pedagógica se apresenta mais como um desafio do que como uma rotina escolar. Um desafio que envolve professor e aluno, seres humanos na fundação de um conhecimento científico e rigoroso, que não pode prescindir de sua matriz social problematizadora. Como recorda novamente Paulo Freire: “na verdade, nenhum pensador, como nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado”.

Assim, no laboratório da classe é a hora e a vez da aula-problema, da matéria-proposta e do estudo pesquisa. Não há lugar para a produção mecânica de conhecimento, que é perda de tempo e de energia, mas recriação é até mesmo criação através de um trabalho cooperativo de professor e aluno.

O estudo de aprendizagem derivado de um ensino do professor é transmitido pela atividade de auto-aprendizagem a partir de um trabalho com o professor, a que, caberá orientar o aluno na seleção e no processamento crítico das informações captadas e lidas no ritmo vertiginoso da sociedade atual.

Dentro dessa perspectiva educacional, o estudo aparece para o aluno como forma de pesquisa, apresentado comumente por diversos autores nas modalidades de PESQUISA BIBLIOGRÁFICA e DOCUMENTAÇÃO.

Tais métodos (do grego: meta = para; odos = caminho) são “caminhos para” orientar seu trabalho acadêmico para um saber sempre mais, para uma incorporação rica de informações, a fim de que, no domínio desse conhecimento, possa pensar globalmente a realidade e analisá-la com rigor e crítica.

Pesquisa Bibliográfica – refere-se á pesquisa em sentido amplo. Trata-se de procurar informações que não se sabe e que se precisa saber em livros, sites na Internet, publicações diversas, sobre determinado tema.

Documentação – é a prática da guarda ordenada e sistemática de informações colhidas em pesquisas bibliográficas, aulas, sites na Internet, conferências e seminários. As informações devem ser selecionadas por critérios de importância, arquivadas e selecionadas em ordem, de modo que o material possa ser utilizado em qualquer tempo, de maneira a facilitar e agilizar sua eficiente recuperação.

Fonte Bibliográfica: CARVALHO, Maria Cecília M. de (org). Construindo o saber. SÃO PAULO: Papirus, 1988.
--